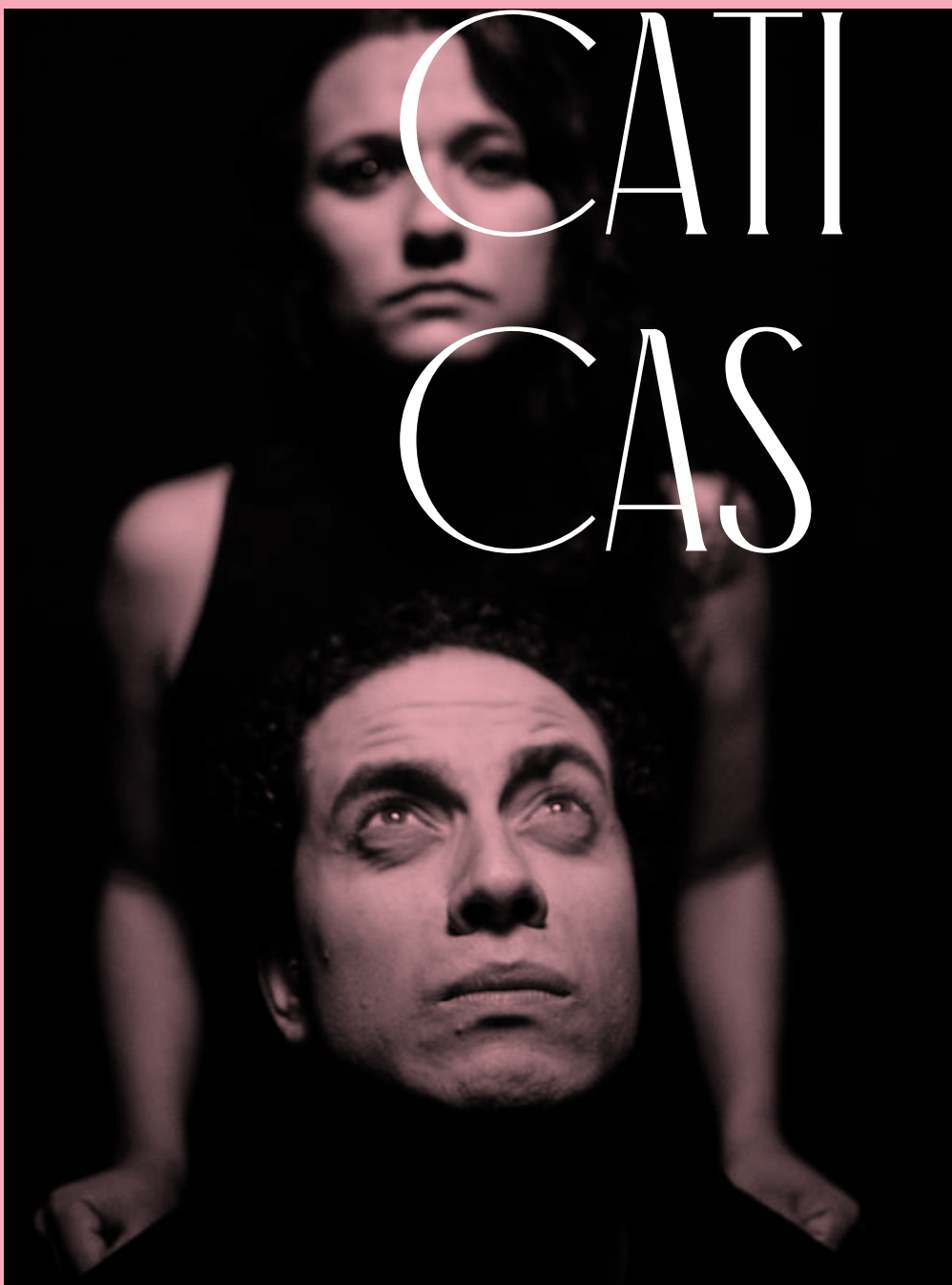


HUMA
NAS DRA



MARCOS CÉSAR DUARTE

Autor: Marcos César Duarte

Organização e Seleção dos Textos: José Renato Forner

Projeto gráfico: Renato Marcel

Projeto editorial: Daniela Espinelli

LIVRO 1

HUMANAS DRAMÁTICAS

PREFÁCIO

As obras contidas em “Humanas Dramáticas” são da ordem da singularidade. O registro das obras escolhidas de Marcos César Duarte neste livro, oferece ao leitor (e aos corpos artísticos) o contato com textos que propõem narrativas míticas e contemporâneas. Textos plurais que propõem, e não determinam.

São peças teatrais norteadas por diálogos precisos que constroem narrativas não lineares, e evocam memórias fragmentadas. As indicações do dramaturgo se dão - quase exclusivamente - pela ação das palavras (que oferecem espaços, rítmicas e sonoridades). São as palavras e suas ordenações que guiam o imaginário do leitor/espectador e o convidam para a história contada. Os quatro textos contidos no livro se diferem por seu temperamento e se unem por sua natureza: impressões do autor sobre o mundo e seus movimentos, transcritos em forma dramática que se equilibra fora da balança das dualidades.

Em “Humanas Dramáticas”, Marcos Cesar Duarte transita por sequestros, eutanásias, milagres e vertigens. Alicerça seu estilo dramático em obras requintadas e oferece um cardápio de possibilidades artísticas para experimentações. Teatro escrito que provoca olhares por prismas diversos. Variações sobre temas. Dramaturgia que se abre em caleidoscópios a cada palavra ou frase proferida. Nesses textos, o autor apresenta sua escrita única, permitindo concepções estéticas múltiplas.

No princípio era o verbo.

JOSÉ RENATO FORNER

*observação – os textos dramáticos abaixo estão em conformidade com a última edição do autor, o que significa pensar que durante as adaptações para o palco em forma de encenação ou leitura dramática podem ocorrer alterações de acordo com a direção do espetáculo.

ÍNDICE

ESTOCOLMO 06

42 A CASA DAS
ARMAS BRANCAS

DEVANEIOS DE MARIA
COM O ANJO 70

118 VERTIGEM



ESTOCOLMO

Personagens

ELE – 40 anos. Homem de seu tempo, elegante. Mora sozinho. Veste sobriedade.

ELA – Uma garotinha que se torna adolescente durante a peça. Veste claro.

Cenário

Todo preto com trabalho competente de iluminação que acende e apaga constantemente marcando ações e texto. Uma mesa, duas cadeiras. Sobre a mesa uma luminária que clareia em forma de círculo envolvendo a mesa e as cadeiras que estão posicionadas perpendicularmente no centro da lateral direita que ficar de frente para o público. Demais objetos serão introduzidos no quadrado cativo durante o decorrer da peça.

ESTOCOLMO

Uma sinopse.

Ele constrói um cativeiro.

Ele planeja colocar alguém naquele quadrado.

Ele e **Ela** se encontram.

Simpatiza com a vítima.

Ele leva **Ela** para casa dele.

A mantém cativa durante oito cenas, que são compostas de cenas curtas. Oito episódios sendo que os quatro primeiros: Chegada no cativeiro, Aulas, Presentes, Animal de estimação, se referem à fase infanto-juvenil. Os próximos três: Fotos, Roupa íntima, A escolhida, representam uma adolescência possível. A cena final repete o modelo da primeira cena.

Maria Rita Kehl, 53, é psicanalista e ensaísta. Escreveu, entre outros livros, 'Ressentimento'. Ela diz no livro 'O Olhar' que "o seduzido não sabe onde pisa – e pensa que o sedutor sabe. Antecipa prazer e dor, pois, ao mesmo tempo que espera o gozo prometido pelo sedutor, já sabe que se aproxima uma catástrofe. O seduzido é alguém que perde o rumo e tem que se guiar, nas brumas de uma infância revisitada, pela bússola do olhar sedutor".

Diz ainda que 'o olhar seduzido é perplexo.' E que 'Todo saber se funda na necessidade de ser amado e no medo de ser dominado pelos outros.' 'Nossa vida psíquica, o que é muito mais grave, depende do inconsciente de pessoas que cuidam de nós: como podemos nos defender contra esse tipo de perigo?'

Ainda - 'Totalitarismo e narcisismo: associação existente não só no inconsciente do dominador, mas também no do que se deixa dominar.'

E por fim: ‘No terreno simbólico estamos permanentemente inseguros (tanto que o narcisismo, sempre que pode, nos conduz de volta ao plano do imaginário) e, ao mesmo tempo, a salvo. Inseguros porque o que parece estabelecido se desfaz continuamente, devemos continuamente re-entender a desordem dos mundos. Re-interpretar, reorganizar, para perder as certezas outra vez mais adiante. Mas salvos da opressão do(s) código(s) totalitário(s).’

OITO CENAS.

- 1º Chegada no cativeiro.
- 2º Aulas.
- 3º Presentes.
- 4º Animal de estimação.
- 5º Fotos.
- 6º Roupa íntima.
- 7º A escolhida.
- 8º Final.

1A CENA

A construção do cativeiro.

Ele com esparadrapo de hospital traça um quadrado que será o cativeiro para Ela. Depois de terminado o quadrado Ele varre o espaço interno como quem limpa um altar. Coloca a mesa no canto do palco que foi indicado. Testa a luz que fica sobre a mesa. Acende e apaga. Duas cadeiras. Sai.

Cena.

A chegada.

Ele chega de mãos dadas com Ela que está com um pirulito na boca.

Ela olha para Ele surpresa.

Escuro.

Ela - Mãe? Mãe? Você vem me buscar? Mãe não estou enxergando nada. Mãe você vem me buscar? Quero ficar com você.

Ele chega e acende a luz sobre a mesa. Ela está embaixo da mesa. Ele está com um prato de sopa e uma colher e tenta alimentar Ela dando de comer em sua boca.

Ele - Com quem você estava falando?

Ela - Quero falar com minha mãe.

Ele - Ela vai demorar. Agora é comer e dormir e amanhã nós vamos estudar e brincar.

Ela - Eu vou para a escola.

Ele - Aconteceu um problema e você não vai mais. Serei seu mestre agora. Sou quem vai te ensinar. Coma.

Ela - Não quero.

Ele - Está bem. Depois não vou estar e você vai morrer de fome. Quer morrer de fome?

Ela faz que não com a cabeça.

Ele - Então é melhor comer, ficar uma menina forte e bonita.

Ela come.

Eles se olham.

Escuro. Respiração.

Ela - Mãe!

Respiração.

Crescendo.

Silêncio repentino. Luz cresce devagar. Penumbra.

Ela tem os olhos vendados por uma faixa de gaze de hospital.

Ela - O mesmo pesadelo.

Escuro.

Ela - Mãe!

Respiração.

Crescendo.

Silêncio repentino. Luz cresce devagar. Penumbra.

Ela - O mesmo pesadelo.

Escuro. Respiração.

Crescendo.

Silêncio repentino. Luz cresce repentina e clareia tudo.

Mesa. Duas cadeiras.

2ª CENA

Aula.

Ela embaixo da mesa.

Ele entra com as figuras geométricas: quadrado; triângulo; retângulo; círculo; citadas na cena. Ele com ar professoral.

Ela - Mãe? Mãe? Você vem me buscar? Mãe não estou enxergando nada. Mãe você vem me buscar? Quero ficar com você.

Ele - Vamos, pode sair.

Ela - (*saindo*) Que dia é hoje?

Ele - Hoje é aula de geometria. Lembra que ontem nós conversamos sobre triângulos. Esse é um quadrado. O relevante em um quadrado é que ele possui quatro ângulos retos e quatro lados iguais. Este é o círculo. Não tem lados.

Ela - O quadrado é como o quarto. Eu contei meus passos. Oito, mais oito, mais oito, mais oito.

Ele - Muito bem!**Ela** - O retângulo é embaixo da mesa. Eu contei com palmos.

Ele - Sim.

Ela - Você sonha coisas esquisitas?

Ele - Todo mundo tem sonhos esquisitos.

Ela - Tenho sempre o mesmo sonho...

Ele - Pode contar!

Ela - Uma sala branca. Muitos homens e todos estavam usando roupa branca. Um deles me avisou que não era preciso ter medo. Veio outro e me deu um remédio para tomar. Dormi. Quando acordei percebi um cheiro diferente no mundo. Um cheiro que nunca havia sentido antes. Tentei abrir os olhos e não consegui. Não conseguia enxergar. Os homens que estavam de branco tiraram meus olhos. Será que vou ficar cega?

Ele - Claro que não.

Ela - Promete?

Ele - Prometo. E que cheiro sentiu?

Ela - Um cheiro que gente que não tem olhos consegue sentir.

Ele - Você precisa de um banho.

Ela - Posso ir brincar?

Ele - Depois que terminarmos a lição de geometria.**Ela** - Sobre os quadrados? Que tem quatro lados iguais.

Ele - Isso! Boa menina. Agora preste atenção nas minhas au-

las. As figuras geométricas detalham a essência da perfeição. Podemos brincar com qualquer uma das figuras existentes no mundo. Basta imaginação.

Ela brincando com as figuras.

Ela - Mas não encaixa?

Ele - Não, não é uma questão de encaixe. Elas se completam apesar de serem formas indiferentes. Olhe para as figuras.

Ela brinca com as geometrias.

Ele - Podemos compor de tudo. Triângulos dentro dos quadrados que podem ser vazados por formas retangulares. Círculos.

Ela ainda brinca com as formas.

Ele - Traçados perfeitos.

Ela - Andei por todos os lados. Quando ando em círculo fico zozna.

Ele - Então você conhece todas as formas perfeitas. O círculo é fascinante.

Ela - Sim.

Ele - Que encantador.

Ela brinca.

Ela - Sobre os quadrados? Que tem quatro lados iguais.

Ele - Boa menina.

Ela - Por que você está me ensinando essas coisas?

Ele - Não irá gostar de ser ignorante. O mundo não foi feito para esse tipo de gente. A ignorância é um peso e todo ignorante rouba o ar que é destinado aos sábios.

Escuro. Respiração.

3ª CENA

Presentes.

Luz acende.

Ela embaixo da mesa.

Ele entra com sacolas contendo quatro pacotes com presentes: um boneco

de plástico em uma sacola, uma boneca de plástico em outra, um gato de

plástico em outra e uma caixa contendo vários pacotes de bonecas em miniatura e sem vestimenta.

Ele - O primeiro pacote para abrir é esse. Abra.

Ela apanha o pacote indicado. O conteúdo é um boneco.

Ela - O que é?

Ele - Abra.

Ela abre. Tira o boneco da embalagem.

Ela - Quem é?

Ele - Quem imagina?

Ela - Um homem.

Ele - Na forma.

Ela observando um boneco de plástico com a figura masculina.

Ela - Me olha como se fosse homem.

Ela coloca o boneco ao lado do rosto dele.

Ela - Como você.

Ele - É plástico.

Ela - É parecido.

Ele - Não. Plásticos não produzem filhos.

Ela - Mas parece.

Ele - Sei que é preciso trocar a fraude das bonecas modernas, dar de comer, fazem xixi na nossa cara, só não fazem filhos.

Ela - Filhos de plástico. Bonecas plásticas com filhos plásticos.

Ele - É preciso moldes. Modelos que imprimam as imagens. Assim se reproduzem os plásticos: através de matrizes.

Ele indica outro pacote para Ela abrir. O conteúdo é uma boneca. Ela abre.

Ele - Olhe, parece você. Uma menina.

Ela - Não sou eu.

Ele - Olhe dentro dos olhos. É você.

Ela - Sou mais bonita.

Ele - É verdade.

Ela - O que tem na outra caixa?

Ele - Esse é meu.

Ela - Você também vai ganhar presentes?

Ele - Vou abrir por último.

Ele apanha outro pacote e entrega para Ela.

Ele - Abre esse.

Ela abrindo o pacote.

Ela - O que é?

Ele - Abre.

Ela abrindo o pacote.

Ela - É um gato.

Ele - Você gosta de gatos.

Ela - Eu sonhei.

Ele - Conta.

Escuro. Respiração. Luz acende. Ela com uma venda de gaze nos olhos.

Ela - Eu quero um gato.

Escuro. Respiração. Luz acende.

Ela com a venda, acariciando no colo um animal imaginário.

Ela - É tão lindo. Um filhote. Fica me arranhando. Para de me arranhar, assim me machuca. Ai.

Ela solta o gato repentinamente.

Ela olhando para o chão vendo o gato imaginário.

Ela grita.

Ela - Não! Larga! Larga! Deixa esse passarinho voar. Não come esse passarinho. Ele ainda está vivo. Não! Não quebre o pescoço dele. Não! Gato malvado.

Ela apanha o pássaro no chão.

Ela -Perdão. Não pensei que fosse matar.

Escuro. Respiração. Luz acende. Ela sentada à mesa como quando antes de contar o sonho que acaba de contar.

Ele - Vou abrir o meu presente.

Ele tira do bolso um estilete e corta a fita adesiva que prende o papel do embrulho. Primeiro uma fita, depois a oposta, e assim até abrir a embalagem para presente sem destruir ou rasgar, mas preservando as formas do papel.

Ele - Colecionei durante muito tempo.

Ela - Um colecionador.

Ele - Anos escolhendo. Um dia encontrei uma embalagem cheia desses corpos humanos.

Ele vai tirando um de cada vez os bonecos da caixa e os colocando em formação de círculo como numa brincadeira de roda todos com as mãos dadas.

Ele - Observo as expressões dos bonecos.

Ele coloca no centro da roda dos bonecos que estão deitados um boneco em pé.

Ele - Um mundo inteiro feliz. As próteses salvadoras. Os sonhos consumados. Eles cantam. Você pode não estar ouvindo, mas eu garanto que eles cantam.

Escuro. Respiração.

4ª CENA

Animal de Estimação

Ele acende a luz que fica sobre a mesa.

Ele - Olá. Pode sair.

Ela saindo.

Ela - Olá.

Ele - Eu precisei ficar fora uns dias.

Ela - Percebi.

Ele - Foi de repente.

Ela em silêncio olha para o chão.

Ele - Fiquei preocupado.

Ela - Eu também.

Ele buscando o olhar dela.

Ele - Você precisa de um tênis novo.

Ela levanta o pé e mostra a sola gasta do tênis e concorda.

Ele - Está mesmo na hora de trocar. Precisa andar menos.

Ela - Por que demorou?

Ele - Aconteceu. Foi doloroso. Meu cachorro ficou doente muito tempo. (*com pesar*) Ele morreu depois de uma longa agonia.

Ela - Lamento. Passei noites acordada.

Ele - A ciência anda tão avançada. E revolucionária. Mas desconhece um remédio eficaz para as perdas. Ainda não sabe dimensionar o valor da eternidade.

Ela - Não gosto da solidão.

Ela entristecida.

Ela - Não posso mais ficar embaixo da mesa. Estou maior que a mesa.

Ele - É o quarto que morre. Sacrifiquei. Sinto-me abatido. Um gado. Carne morta.

Ela - A mesa está pequena.

Ele - Parecia feliz ao me ver apontar uma arma entre seus olhos.

Ela - Hoje deve chover. Está muito frio. Úmido.

Ele - Sim.

Ela - Se for sair leve um guarda-chuva.

Ele acena que sim com a cabeça.

Ele - Foi um tiro matador.

Ela - Em que dia estamos?

Ele - Você cresce depressa.

Ela - O medo cresce depressa. Sem falar com alguém. Sem ver e notar. Cansei da conversa desses bonecos.

Ele - Foi um momento difícil.

Ela - Ouvi você cavando.

Ele - Sepultei no quintal. Olha.

Ele entrega um embrulho de presente contendo um livro.

Ele - É seu. Abre.

Ela - O que é?

Ele - Abre.

Ela pega o pacote e abre rasgando o embrulho que contém um livro.

Ela - Um livro.

Ele - Um companheiro.

Ela coloca o livro de lado.

Ela - Obrigado.

Ele - O coitado tinha câncer. Levei ao médico e ele desejou que eu tivesse sorte. Comprei remédios. Controlei sua temperatura.

Ela - Quando eu terminar de ler este...

Ele - Eu trago mais. Sim. Vou trazer umas revistas.

Ela - Sim.

Ele - E um par de tênis com número maior.

Ela - Sim. E perfume. E batom.

Escuro. Respiração.

5ª CENA

Fotos.

Ele acende a luz sobre a mesa. Ela está em pé, no outro canto do palco.

Ele - Olha.

Entra portando três pacotes que coloca sobre a mesa.

Ele - Vou confessar. As imagens. Não estavam boas. Então modifiquei.

Ela - O que é isso?

Ele - Espelho.

Ela - Essas são revistas.

Ele - E esse um pijama novo.

Ela abre o pacote que recebe dele com um pijama novo. Coloca o pijama sobre a roupa como quem tira medidas.

Ela - E isso, o que é?

Ele - As fotografias reveladas.

Ela - Não quero ver.

Ele - Não!

Ela - Não devo ter ficado ideal. A máquina é muito fria.

Ele - Contou com minha ajuda.

Ela toca suas costas com as mãos.

Ela - Eu sei.

Ele se esquiva.

Ele - Vamos ver como ficou.

Ela - Não.

Ele - Não?

Ela - Tenho vergonha.

Ele - Tão bonita.

Ela - Mesmo?

Ele - Verdade. Não minto.

Ela - Estou magra.

Ele - Gosto assim.

Ela - Sinto-me estranha.

Ele - Vou abrir o álbum.

Escuro. Respiração.

Primeira foto.

Luz acende.

Ela usa o encosto da cadeira que está no centro palco e deslocada da mesa e com o acento voltado para frente do palco. Ela senta-se lateralmente na cadeira ficando de perfil para frente do palco. Coloca um braço sobre o encosto da cadeira. Fixa o olhar mantendo a cabeça reta. As pernas, também acomodadas lateralmente servem de apoio ao outro braço. Cuidando para que o vestido não mostre mais que o necessário com sensualidade.

Escuro. Respiração.

Segunda foto.

Luz acende.

Ela sentada na cadeira de frente com as pernas levemente inclinadas para um lado e o rosto voltado para o lado oposto das pernas com as mãos sobre as pernas aparentando recato.

Escuro. Respiração.

Terceira foto.

Luz acende.

Ela em pé no fundo do palco com o braço direito dobrado e a mão colocada na cintura. O braço esquerdo também dobrado

na altura da barriga e com a mão em forma de concha aberta para cima. A cabeça levemente inclinada compondo uma paralela com o braço direito. A perna direita está dobrada como se o pé direito estivesse sobre um apoio.

Escuro. Respiração.

Quarta foto.

Luz acende.

Ela em pé, com os braços estendidos ao longo do corpo e com os pés cruzados em pose lateral com a cabeça inclinada na direção oposta.

Escuro. Respiração.

Quinta foto.

Luz acende.

Ele e Ela no centro do palco. Ele sentado na cadeira e Ela candidamente sentada sobre a perna direita dele com as pernas dela colocadas entre as pernas dele.

Escuro. Respiração.

Ela - Eu tive aquele sonho.

Ele - Olhe ao redor. É o que sempre vê, não é? Então é fácil concluir que você não está cega. Apenas um sonho.

Ela - Que se repete.

Ele - Não é real.

Ela - Certo que não. De tempos em tempos eu sonho. Ainda enxergo. Um relógio avisando as horas.

Ele - Ver o que é preciso ver.

Escuro. Respiração.

6ª CENA

Roupa Íntima.

Luz acende.

Ela - Enlouquecendo.

Ele - Por que?

Ela - Sangrando.

Ele - É coisa de fêmea.

Ela - Ferida.

Ele - Toda fêmea mamífera sangra.

Ela - Preciso de roupas novas. As velhas estão manchadas com sangue.

Ele - Vou providenciar.

Ela - Sou mais.

Ele - Mais? O mais eu lhe ensinei.

Ela - Sou mais que uma fêmea.

Ela - Um gênero enquadrado e pronto. É representação.

Ela - Sou mulher.

Ele - Quem te disse isso?

Ela - Esse espelho está pequeno.

Ele - Não está gostando? Ainda ontem eu lia sobre o aumento da criminalidade no mundo. As mortes nas batalhas, nas ruas, nas aeronaves. Não está fácil ter um lugar seguro.

Ela - Preciso de roupas novas.

Ele - Sim.

Ela - Todos esses presentes.

Ele - Sim.

Ela - Quantas novidades!

Ele - Lá fora.

Ela - O que tem lá fora?

Ele - Lá fora o universo conspira.

Ela - Conspiração? A natureza é uma conspiração?

Ele - Por deus! **Ela** - Onde?

Ele - Em tudo.

Ela - E porque eu não consigo enxergar?

Ele - É só mais um sonho.

Ela - Pesadelo. Acordo ofegante. E agora sangrando.

Ele - Quer sair e escolher as roupas?

Ela - Sim.

Ele - Não gosta das que eu escolho?

Ela - Quero ver todas.

Ele - Revelei todos os segredos.

Ela - Alternativas. Roupa íntima manchada com sangue.

Ele - Sou tudo.

Ela - Preciso ter outros sonhos.

Ele - A geometria.

Ela - Conheço.

Ele - Literatura.

Ela - Leio.

Ele - A arte.**Ela** - Não sei se estou viva.

Ele - Está sangrando?

Ela - Sim.

Ele - Está viva.

Ela - Roupas novas! Preciso de roupas novas.

Escuro. Respiração.

7ª CENA

A Escolhida.

Luz acende.

Ele entra com duas malas vazias. Em silêncio abre as duas.

Ela - O que é isso?

Ele - A história acabou.

Ela - Como?

Ele - O tempo está terminado. Encher as malas e partir.

Ela - Para onde vou?

Ele - Embora.

Ela - Para onde?

Ele - Para onde desejar.

Ela - Para onde desejar?

Ele - Qualquer lugar.**Ela** - Sozinha?

Ele - Sempre esteve sozinha.

Ela - Posso?

Ele - O que?

Ela - Estar sozinha lá fora?

Ele - Quem sabe?

Ela - Não sei mais como é.

Ele - Perigoso.

Ela - O que?

Ele - Lá fora.

Ele começa a guardar as coisas do cenário na mala. Ela está paralisada.

Ela - Não.

Ele - Os sonhos.

Ela - Não.

Ele - Está na hora.

Ela - Não consigo mover as pernas.

Ele - A verdade é agora. É o último presente.

Ela - Por que então?

Ele - Está na hora.

Ela - Por que fui escolhida?

Ele - Faz tempo.

Ela - Muito tempo.

Ele - Uma garotinha na escola. Vestindo uniforme.

Ela - Na escola.

Ele - No jardim.

Ela - Esqueci.

Ele - Do jardim?

Ela - Da garotinha.

Ele - Vestindo uniforme.

Ela - Igual às outras.

Ele - Uma garotinha.

Ele - Eu não sabia de nada.

Ele - Uma garotinha.

Ela - Igual às outras.

Ele - Inocente.**Ela** - Uma vida.

Ele - Inocente. Uma garotinha. Vestindo uniforme.

Ela - Não.

Ele - Terminou.

Ele fecha as malas e as arruma metodicamente.

Ele - Olhe para mim.

Ela olha.

Ele - Vire.

Ela vira.

Ele tira do bolso uma gaze de hospital. Desenrola lentamente e venda os olhos dela.

Ela - Por que?

Ele - Vai embora.

Ela - Por que?

Ele - A história.

Ela - Por que?

Ele - Terminou.

Ela - Não.

Ele - Pegue essa mala. Está aqui.

Ela - A outra?

Ele - Vou levar.

Ela - Para onde?

Ele - O mundo.

Ela - Onde?

Ele já fora saindo do quadrado cativo segurando Ela pela mão. Ela ainda dentro do quadrado cativo parece resistir.

Ela - Não.

Escuro. Respiração. Silêncio.

8ª CENA

Chegada no Cativeiro.

Luz acende.

Ela vestindo sobriedade varre o espaço interno do quadrado cativeiro.

Luz apaga.

Respiração.

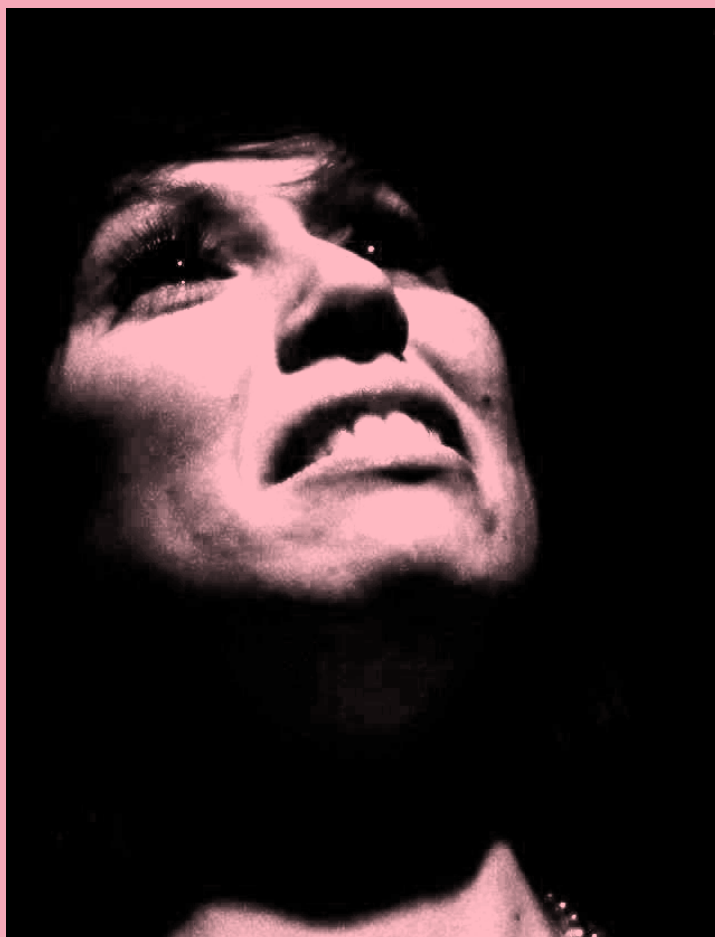
Luz acende.

Ela chega de mãos dadas com Ele que está com um pirulito na boca. Ele olha surpreso para Ela.

Luz apaga.

Ele - Pai? Pai? Você vem me buscar? Pai, não estou enxergando nada. Pai você vem me buscar? Quero ficar com você.

Fim.



A CASA DAS ARMAS BRANCAS

Personagens

Eu.

Alguém.

Irmão.

Mãe.

Faxineiro.

Ele.

Ela.

Cenário

Todo preto com trabalho competente de iluminação que acende e apaga constantemente marcando ações e texto. Uma mesa, duas cadeiras. Sobre a mesa uma luminária que clareia em forma de círculo envolvendo a mesa e as cadeiras que estão posicionadas perpendicularmente no centro da lateral direita que ficar de frente para o público. Demais objetos serão introduzidos no quadrado cativo durante o decorrer da peça.

A CASA DAS ARMAS BRANCAS

Uma sinopse.

A obra busca em sua dramática refletir sobre os jogos da existência humana diante da finitude. Essa reflexão se dá com o relato de memórias e recordações durante um jogo de poker. Os personagens, que não tem nome próprio, são muitas vezes memórias que afloram e dialogam conforme o jogo de poker vai transcorrendo.

ELE, um aficionado por armas brancas em decorrência de um trauma, é contratado por pessoas que desejam se matar e não têm coragem para concretizar o ato.

As memórias evocadas pelas personagens se tornam uma retrospectiva de suas vidas e de suas relações.

ATO ÚNICO.

ATO ÚNICO

Eu - É tarde da noite.

O termômetro crava doze graus.

O relógio que alterna o mostrador não funciona há três meses.

Cochilo sentado no banco de espera. Por um breve momento sonho. Meu irmão e eu brincando na sala. A porta da cozinha se abre e um homem aparece e leva meu irmão para o quintal. Levanto e vou até lá. Chamo por ele. Empurro a porta e não há mais nada.

O chão começa a vibrar. O vento muda de direção e sou despertado pelo sopro. Ele chega. A locomotiva reduz a velocidade.

A porta abre. Estou sozinho no vagão. Faço da mochila um travesseiro e do banco uma cama. Viagem longa.

Amanhã tenho que resolver as urgências. Se não descansar, fico imprestável.

Alguém - Tem fogo?

Eu - Tenho.

Alguém - Empresta?

Eu - Pode ficar.

Alguém - Aonde vai?

Eu - Mudar de vagão. Preciso dormir.

Alguém - Atrapalho?

Eu - Preciso dormir.

Alguém - Preciso fumar.

Eu - Parei de fumar.

Alguém - Preciso disso.

Eu - Eu não preciso mais.

Alguém - Sou dependente. Não posso ficar sem.

Eu - O cheiro me faz mal.

Uma porta e outro vagão vazio. Outro banco e estico as pernas e o barulho das rodas nos trilhos. A luz passando pela janela. Sistemática. Fecho os olhos e acabo dormindo. Meu irmão vem ao meu encontro.

Irmão - Você vai demorar?

Eu - O que tenho que fazer?

Irmão - Rezar.

Eu - Não tenho culpa.

Irmão - Quando vamos jogar outra vez?

Eu - Onde você está agora?

Irmão - Te esperando. Quero ouvir você contar uma história.

Eu - Não vou demorar.

Irmão - Faz tempo que te espero.

Eu - Ela não perdoa.

Irmão - A mãe?

Mãe - Você não olhou por teu irmão.

Eu - Era um homem grande.

Mãe - Você está mentindo. Você é mentiroso.

Eu - Não tive culpa.

Mãe - Tem razão. A culpa é minha.

Eu - Não tive culpa.

Mãe - Eu sou a culpada. Eu não deveria ter ido trabalhar. Ele não estava bem.

Eu - Não tive culpa.

Repeti em segredo durante anos. Acontecia feito um mantra.

Uma espécie de bálsamo sobre as feridas que não cicatrizam.

Havia momentos em que era preciso gritar.

Não tive culpa.

Mãe - Eu sou a culpada. Você nunca entenderá. Saí com seu pai uma única vez. Eu era uma idiota. O único homem que realmente amei foi o pai do seu irmão. E você deixou que ele fosse embora. Seu irmão desapareceu. Procurei em todas as esquinas, perguntei para todo mundo, mostrei a foto dele na policia, no hospital, fui ver corpos de crianças congeladas nas gavetas dos necrotérios.

Eu - Não tive culpa.

Uma noite ela me leva até seu quarto.

Acorrenta meu pulso esquerdo na cabeceira de sua cama.

O que vai fazer?

Mãe - Te ensinar uma coisa sobre a vida.

Eu - Não tive culpa.

Mãe - A culpada fui eu.

Eu - Ela abre a porta do armário e fica de frente para o espelho que havia na face interna da porta. Solta os cabelos e lentamente começa a se despir.

Abre a primeira gaveta interna do armário e tira uma faca curta com a lâmina curvada. Volta-se para o espelho e num único golpe rasga seu pescoço.

O barulho seco de seu corpo caindo no chão ecoou por intermináveis noites. Com o impacto da queda a faca deslizou pelo assoalho até cutucar meu pé. Fiquei olhando para o brilho daquele metal até ser liberado das correntes.

Faxineiro - Fim da linha.

Eu - O faxineiro me acorda. Sabe meu nome. Diz boa noite e segue varrendo.

Faxineiro - Achei isso. É seu?

Eu - Não leio mais a Bíblia.

Faxineiro - Todo dia alguém esquece uma. Levo todas para casa e quando completo trezentos e sessenta e cinco faço uma pirâmide com elas e me aqueço nas chamas sagradas. Mas essa aqui não é comum. Toda vez que abro aleatoriamente um único salmo aparece. Não sou conhecedor. É o salmo 38?

Eu - Sim.

Faxineiro - Não gosto disso.

Eu - Também não.

Faxineiro - Essas coisas eliminam uma criatura a muitos metros de distância. Não é possível sequer olhar nos olhos da vítima.

Eu - Nem sentir o último suspiro.

Faxineiro - Boa noite.

Eu - Caminho por quinhentos metros.

Dia confuso.

Procuro pelas chaves.

Ele - Você demorou.

Eu - Chego sempre nesse horário.

Ele - Será que me adiantei?

Eu - O que faz aqui?

Ele - Vai ficar ai fora?

Eu - É minha casa.

Ele - Vamos jogar.

Uma rodada e fim de assunto.

Eu - Essa garrafa?

Ele - Quinze anos. Sente-se.

Eu - Hora de parar.

O que será?

Uma rodada?

Quer gelo?

Posso embaralhar?

Ele - Sim. Melhor de três.

Eu - Quem vai dar as cartas?

Ele - Na primeira, você.

Eu - Vou embaralhar e dar as cartas.

Ele - Eu começo.

Eu - Está bem. Quanto apostar?

Ele - Tudo. Será nosso último jogo.

Eu - Não tenho tido muita sorte ultimamente.

Pode cortar.

Ele - Vamos combinar as regras. Cinco cartas abertas.

Eu - Duas fechadas.

Ele - Uma troca.

Eu - Está bem.

Ele - Melhor de três?

Eu - Sim.

Ele - Será rápido.

Eu - Vou dormir cedo.

Quantas partidas hoje?

Ele - Estou velho. O que me dá mais prazer é escolher os parceiros. Uma boa conversa.
Como foi o dia?

Eu - O de sempre. A coleção ganhou um exemplar. Um sabre. Deixa na vitima uma perfuração triangular. Um orifício estreito por onde o sangue escorre. Morte lenta.
Esse embrulho?

Ele - Uma parte da minha aposta.

Eu - Não tenho nada.

Ele - Você tem um talento que me interessa: sua habilidade com as facas.

Eu - O que é?

Ele - Uma raridade. Para a coleção.

Eu - A coleção.

Ele - Sim.

Eu - A coleção já tem muitos exemplares.

Ele - Pegue um copo. Vamos brindar.

Eu - Não há motivo.

Ele - Pelo nosso último jogo. Um brinde às mudanças!

Mãe - Gostou da nova casa? Tem um grande quintal com balanço e um gira-gira.
Você e seu irmão podem brincar lá fora.

Irmão - Está chovendo.

Mãe - Seu irmão vai chegar.

Irmão - Ele está demorando.

Mãe - Deve ser a chuva.

Irmão - Ele vai contar uma história.

Mãe - Vou trabalhar.

Irmão - Fica.

Mãe - Precisamos de dinheiro. Sabe que dia é hoje?

Irmão - Meu aniversário?

Mãe - Venha apagar a vela.

Parabéns a você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida.

Irmão - Um presente?

Mãe - Para você brincar com seu irmão.

Irmão - Ele está demorando. Vou guardar um pedaço para comer mais tarde com ele.

Mãe - Claro.

Irmão - Ele conta histórias todas as noites.

Mãe - E o que mais vocês fazem?

Irmão - Nós jogamos.

Mãe - Um jogo?

Irmão - Poker.

Mãe - Jogam sempre?

Irmão - No fim da noite. Antes de dormir. Uma partida. Antes de você chegar.

Mãe - O que apostam?

Irmão - O jardim das delícias.

Mãe.

O papai?

Mãe - O que tem seu pai?

Irmão - Ele se foi?

Mãe - Sim.

Irmão - Para onde?

Mãe - Ele não disse.

Ele - Abra.

Eu - Uma adaga.

Ele - Sim.

Eu - Agonia.

Ele - Suficiente para uma última confissão.

Eu - Qual a procedência?

Ele - Madrugada. Caminhava por destroços. Começa a chover. Busco abrigo. No canto esquerdo um velho morto está abraçando um embrulho. Vou até ele e encontro isso.

Eu - Usada em ritual.

Ele - Libertação da alma. Impede que as paixões façam a travessia do barqueiro.

Eu - Você acredita?

Ele - Questão de fé.

Eu - Fé?

Ele - Apreendi com Ela. Estava cansado. Ela apareceu e nunca cobrou por nada.

Ela - Ele chega. Sirvo sopa quente, pedaços de pão e vinho tinto. Não faço perguntas. Oi querido. Um presente para mim. Não tenho mais onde guardar. Uma jóia! Quer beber alguma coisa? Cigarros? Fui ao médico. Ele pediu alguns exames. Colheu meu sangue. Escutou meu coração. Falei que os remédios não estavam adiantando. As dores aumentaram. Ele mediu minha pressão. Disse que estava normal. Disse que não era para doer tanto. Trocou o remédio. Receitou ainda outro para o estomago. Remédio forte. Vou parar com o café. O refrigerante. A dor parece dilatar minha cabeça. Toda a tarde pode marcar a hora. Cinco da tarde. Vai aumentando. Tremo de frio. É a febre. Depois passa. Uma trégua. Oito da noite volta com menos intensidade. Lateja. Os exames ficam prontos daqui quinze dias. Estou fazendo uma novena. Falou que meus cabelos podem cair.

Já arrumei teu banho.

Mãe - Vamos jogar?

Irmão - O que vamos apostar?

Mãe - Delícias.

Irmão - Delícias?

Mãe - O jardim das delícias que fica nos sonhos.

Irmão - Sempre sonho com aquele homem atrás do muro no fundo do quintal.

Mãe - E o que ele quer?

Irmão - Diz que quer fazer coisas boas comigo.

Mãe - Tudo aquilo que é gostoso fazer.

Irmão - Foi o que ele disse. Não gosto de brincar lá fora.

Mãe - É só um quintal.

Ele - Tem jogador que perde tudo numa noite. A vida inteira numa noite.

A arrogância é o pior blefe.

Eu - Conselhos.

Ele - Vivência. Mas isso pouco importa.

Eu - As cartas. Vamos ver.

Ele - Ganhei. A primeira é minha.

Eu - Faltam duas.

Mãe - Vamos parar de jogar e brincar no quintal?

Irmão - Não quero ter um quintal.

Mãe - O que aconteceu?

Irmão - Um homem grande.

Mãe - Homem grande?

Irmão - Ele fica me chamando, quer conversar comigo.

Mãe - Onde?

Irmão - Ali.

Mãe - Ele disse o que quer?

Irmão - Quer que eu coma um doce com ele.

Mãe - E você?

Irmão - Disse que não quero.

Mãe - Ele disse o nome dele?

Irmão - Não.

Mãe - Não disse mais nada?

Irmão - Disse que era amigo do papai. Ganhei.

Mãe - Outra vez?

Irmão - Outra vez.

Mãe - Mamãe precisa ir.

Irmão - Vamos jogar mais uma.

Mãe - Depois.

Irmão - Você promete?

Mãe - Sim. Quando voltar trago um presente.

Eu - Eu corto agora.

Você embaralha.

Mais gelo?

As cartas.

Ele - Um padrão lógico. A ordenação do mundo. Quando embaralho o caos se estabelece. Dar as cartas é contar com o acaso. Sorte. Fazer o melhor com o que se tem.

Eu - Sorte?

Ele - Seu copo.

Eu - O que tem?

Ele - Ainda está vazio.

Eu - Deixe assim.

Ele - Aqui, suas cartas. Aqui, as minhas.

Eu - As cartas.

Ele - O que tem?

Eu - Estão marcadas?

Ele - Não trapaceio dessa forma. Trata-se de um ritual.

Eu - Um jogo.

Ele - Uma cerimônia.

Eu - Não acredito em cerimônias.

Ele - Fui cético. Vivia só. Até que ela...

Eu - Ela?

Ele - Nunca reclamou. Quando chegava cansado demais ela me dava banho. Nesses dias deixava o presente sobre a mesa e caminhava direto para o quarto sem dizer nada. Mansamente ela se aninha me aquecendo até que eu pare de tremer.

Ela - Como consegue ganhar tantas vezes? Deve ser um dom. Nunca chega sem nada. Os exames ficaram prontos. Vou ficar internada por uns dias. O médico perguntou qual seu tipo de sangue. Talvez precise de transfusão. A negativo. Raro. A dor aumentou. É toda hora. Não me deixa mais em paz.

Eu - Essa adaga.

Ele - É parte da aposta a outra parte é um favor que preciso que faça.

Eu - Para alguém especial?

Ele - Para mim.

Eu - Tem certeza?

Ele - A vida não tem sentido.

Eu - É instinto.

Ele - É poesia.

Eu - Está bebendo demais.

Ele - Ganhei dinheiro jogando pelo mundo. Minhas apostas são certas. Não há margem para erro.

Eu - Apostas?

Ele - Quero algo especial.

Eu - Um favor.

Ele - Sim. Quer virar as cartas?

Eu - Vou trocar uma.

Ele - Este bem.

Eu - O jogador é...

Ele - Parte do jogo. Só. Parte do jogo. Sua vez.

Eu - Vou ficar com essas cartas...

Ele - Vamos ver.

Eu - Sim.

Ele - As minhas são melhores.

Eu - Empate. Um jogo ganho para cada um.

Ele - Vamos jogar a última.

Eu - Está chovendo.

Ele - A chuva.

Eu - O que tem a chuva?

Ele - Não é mais como antes.

Eu - A chuva?

Ele - Não é mais como antes.

Ele - As cartas.

Eu - Vou cortar?

Ele - Sim.

Eu - Ela...

Ele - Não aguentou.

Eu - Sinto muito.

Ele - Fiz uma cerimônia simples. Peguei todos os presentes e enterrei junto.

Eu - Os médicos?

Ele - Tem mais gelo? Quer um gole?

Eu - Não.

Ele - Os médicos não disseram muita coisa. O câncer é silencioso e se instalou na base do crânio. O que eu presenciei foi uma agonia. Ela na cama, os olhos inchados, a cabeça enfaixada. Enquanto ela lembrava nossos passeios eu controlava a dosagem de morfina no soro. Aquilo não podia parar de pingar. Depois as convulsões. E nada mais adianta.

Ela - E agora isso. Eu aqui internada, nessa cama, sem poder cuidar de você. Sua aparência não está boa. Preocupado? Perdendo o jogo? Sente minha falta, não é? Logo vou voltar para casa. Eles abriram minha cabeça, vasculharam tudo. Sonhei durante a operação.

Ele - O que você sonhou?

Ela - Estávamos naquele hotel. Pedi o jantar no quarto e bebi vinho a noite toda. Você demorou. Chegou tarde.

Ele - Os negócios.

Ela - Um ano.

Ele - Jogando.

Ela - Um ano assim, viajando pelo mundo. Vagávamos pelas ruas. Lembra? Joguei uma porção de moedas naquela fonte que prometia uma volta. Uma moeda, uma volta. E quantas vezes voltamos.

Pedi para tirar o espelho do banheiro. Não quero me ver assim. Não quero ter piedade de mim. Não quero que ninguém tenha piedade. Não quero que sinta pena. Estou inchada, não estou? Os remédios me deixam enjoada.

Irmão - Vamos nos mudar?

Mãe - Se não fizermos isso vamos morrer de fome. Por isso preciso mudar sempre.

Irmão - Numa casa com jardim?

Mãe - Vamos tentar um apartamento dessa vez.

Irmão - Posso ter um cachorro?

Mãe - Que tal um passarinho?

Irmão - Gato, então?

Mãe - Peixe no aquário?

Irmão - Vou acabar ficando sem nada.

Mãe - Acho melhor ficarmos um pouco sozinhos no início. Depois pensamos nisso.

Irmão - Um cachorro?

Mãe - Calma.

Irmão - Onde está meu irmão?

Mãe - Vai chegar logo.

Eu - Fim de jogo. Vamos ver.

Ele - Ainda não.

Eu - O dia.

Ele - Ainda não.

Eu - Qual sua aposta?

Ele - Quero esquecer.

Eu - O tempo vai ajudar a conviver com isso.

Ele - Não esqueço. Ela parece estar ao meu lado. Esperando.
Sinto seu cheiro. Ela está em tudo. E não está.

Eu - O que quer que eu faça?

Ele - Acabe com isso.

Eu - Você mesmo pode fazer.

Ele - É preciso coragem.

Eu - Sim.

Ele - Não consigo.

Eu - Já tentou?

Ele - Não existe tentativa.

Eu - Você quer...

Ele - Quero que me liberte.

Eu - Outro dia.

Ele - Estou cansado. Se eu ganhar você faz. É a aposta e um bom jogador honra a aposta.

Eu - Com essa adaga.

Ele - Sim. Preciso de liberdade.

Eu - As cartas...

Ele - O tempo que ela ficou naquela cama.

O pó crescendo sobre os móveis em casa.

Agora só quero paz.

Não ter que suportar por mais tempo.

Quero o esquecimento.

Eu - Não posso operar.

Ele - Claro que pode. Você é jovem. Tem a mão firme. É só ter cuidado.

Eu - Não.

Ele - Vamos, se anime.

Eu - Nunca fiz isso antes.

Ele - Perfure. É o que você faz de melhor.

Irmão - Mãe, você perdeu de novo.

Mãe - Não sou boa nesse jogo.

Irmão - Você perdeu.

Mãe - Está bem. Você ganhou mais um presente. Mais um brinquedo.

Irmão - Nunca ganho do meu irmão. Só ganho de você. Ele sempre diz que ganhar é o que menos importa. Estar no jogo é mais importante.

Ele - As cartas. Você perdeu.

Eu - Perdi.

Ele - Nossa aposta.

Eu - É tarde. Amanhã.

Ele - Não quero ter amanhã. Tem gelo?

Eu - Ainda tem.

Ele - Pouco antes da morte cerebral tomamos um copo de vinho enquanto ela lembrava do nosso último jantar.

Ela - Está com fome?

Ele - Sim.

Ela - Rápido.

Ele - Quente.

Ela - Molho agridoce?

Ele - O melhor vinho.

Ela - Prefiro uma cerveja preta, encorpada.

Ele - Também serve.

Ela - E de sobremesa teremos chocolate.

Ele - Preciso descansar. Não paro de pensar nela.

Eu - E acha que eu posso te ajudar?

Ele - Você conhece o método. Já falamos sobre isso.

Eu - Lobotomia?

Ele - Tomei tranqüilizantes. Daqui a pouco não estarei lúcido.

Eu - Tudo programado.

Ele - Sou um jogador. O melhor que as mesas de pôquer do mundo já viram. E agora quero esquecer tudo. Quero me esquecer dela.

Eu - E se eu não conseguir fazer o que você quer?

Ele - Se não der certo você sabe o que fazer. Acabe com tudo e arrume outro parceiro. Não quer mesmo beber comigo?

Eu - Agora não.

Ele - Um brinde ao esquecimento.

(escuro)

Eu - O método é utilizado para tratar insanidades. Chama-se lobotomia. Ele bebeu o suficiente e agora a dormência facilita a ação que é simples: um instrumento cortante adequado e uma pancada. Uma leve e firme martelada. Uma incisão no lóbulo frontal suficiente para desligar alguns caminhos até o tálamo.

Através de um pequeno orifício é possível apagar um sujeito e torná-lo dócil.

Irmão - Sinto falta de suas histórias.

Eu - Quando eu chegar contarei muitas. Você vai gostar.

Irmão - É meu aniversário.

Eu - Eu sei.

Irmão - Não vai me dar um presente?

Eu - Hoje não. Estou cansado.

Irmão - Mamãe falou que quer mudar de vida.

Eu - Mudar de vida.

Irmão - Mudar.



DEVANEIOS DE MARIA COM O ANJO

Personagens

Maria

Anjo

Tentações

Multidão

Profeta

Filho

Poder

Servo

Astrólogo

General

Amigo

Gerente

Subgerente

Crianças

Gangue

Leprosos

Paralíticos

Cegos.

Detalhes:

Baseado no esboço de fevereiro de 1999.

Um diálogo entre Maria e o Anjo da Anunciação.

24 Cenas.

DEVANEIOS DE MARIA COM O ANJO

Uma sinopse.

Esta obra foi escrita na virada do milênio. Trata-se de uma ode ao amor em tempos conturbados. A dramaturgia retrata o sofrimento de uma mãe, Maria, que em seu leito de morte rememora a vida e o calvário de seu filho Jesus.

Obra de grande empatia poética seu mérito, no entanto, é colocar a vida de Cristo sobre a perspectiva de sua mãe. Acometida de delírios e amparada por um anjo, Maria narra seus momentos com o filho de forma aleatória.

Concebida para celebrar uma história que é contada há mais de dois mil anos, Devaneios não pretende ser uma narrativa linear dos momentos bíblicos. Mas sim um apanhado de memórias que a plateia também possui.

24 CENAS.

1º	Maria e Anjo..	13º	Filho, Anjo, Maria, Criança e Amigo.
2º	Tentações.	14º	Filho, Amigo e Gangue.
3º	Multidão e Profeta.	15º	Gerente e Subgerente.
4º	Maria, Anjo e Filho.	16º	Maria e Anjo.
5º	Poder, Servo, Astrólogo e General.	17º	Filho e Amigo.
6º	Maria, Anjo e Filho.	18º	Maria e Anjo.
7º	Multidão, Filho e Amigo.	19º	Leprosos e Filho.
8º	Maria e Anjo.	20º	Filho e Paralíticos.
9º	Poder e Gerente.	21º	Filho e Cegos.
10º	Maria e Anjo.	22º	Filho.
11º	Maria, Anjo, Filho, Amigo e Crianças.	23º	Maria e Anjo.
12º	Gerente e Subgerente.	24º	Anjo.

1A CENA

Maria (*em uma cadeira de rodas?*) e **Anjo**.

Maria - Ele está salvo.

Anjo - Sim está.

Maria - Ele está salvo na minha memória.

Anjo - Sim.

Maria - No eterno ventre da minha memória.

Anjo - Descanse. Faremos uma longa viagem em breve.

Maria - Vou dormir um pouco.

Anjo - Sim.

Maria - Ando cansada.

Anjo - Durma.

Maria - O meu tempo é o passado. (*pausa*) Ele foi meu preferido. (*pausa*) Mesmo quando implicava. (*pausa*) Menino teimoso.

Anjo - Descanse.

Maria - Vou deitar-me com as lembranças. Elas me aquecerão. *(pausa)* Quando partimos?

Anjo - Sei que será em breve.

Maria - Uma semana?

Anjo - Quem sabe.

Maria - Não importa, vou estar aqui o tempo que for preciso. *(pausa)* Milênios se forem necessários. *(pausa)* Até poder sentir o cheiro dos seus cabelos novamente. *(pausa)* A força do seu olhar, o hálito em suas palavras. *(pausa)*.
(venta).

2ª CENA

Tentações.

1ª. Tentação - Se és o homem que aparentas ser, ordene que estas pedras se transformem em pães.

Filho - Nem só de pão vive o homem.

2ª. Tentação - Se és o homem que aparentas ser, se jogue para que eu veja anjos te amparando.

Filho - Não provoque.

3ª. Tentação - Posso te dar todos os prazeres, vai me adorar.

Filho - Sou sozinho.

3ª CENA

Multidão e Profeta.

Profeta - Ouçam a mensagem que se espalhará. Quem fugirá da ira que há de vir? A altivez do homem será humilhada. A prepotência dos varões será abatida. Só o Único será exaltado. Ouçam o clamor contido no silêncio do deserto, pois nele ecoa nossos erros e arrogâncias. Quem pode afirmar que o pecado será esquecido? Quem aclamará o Único? O alto brado das oferendas e dos sacrifícios aplacará a ira? (pausa) Vi filhos mais dignos vivendo nas pedras do deserto. Vi fé ardorosa no vento frio da noite. Nada que se diga ou que se faça pode reverter nossa sina. Só resta agora o arrependimento e a espera.

Multidão - Quem esperar?

Multidão - Não é você o esperado?

Profeta - Trago apenas um coração arrependido e penitente que brotou na severidade. Um coração que aprendeu a ouvir o silêncio e a ver o pecado em suas traiçoeiras formas. Aquele que está por vir é muito mais do que eu e não sou digno sequer de desatar-lhe as sandálias. Sou aquele que espera.

Multidão - Então porque batiza, se não é você aquele que nos trará a salvação?

Profeta - Eu batizo com água. Ele batizará com fogo.

Multidão - Como nos arrepender?

Profeta - O arrependimento é o machado que poda a raiz onde não há bom fruto.

Multidão - Que faremos?

Profeta - Ouvir a voz do deserto. Preparar o caminho.

4ª CENA

Maria, Anjo e Filho.

Filho - Voltarei.

Maria - Por onde andou?

Filho - Lapidando meu coração.

Maria - Estava preocupada.

Filho - Sem motivo.

Maria - Olha só você. Nem é mais aquele menino brincando com as pedras. Entalhando e pintando a madeira.

Filho - Tudo o que aconteceu ainda está comigo.

Maria - Caminhar no deserto. Posso sentir o deserto. A dor. Os pregos rasgando a carne. Ferro batendo, batendo, batendo. O corpo sendo perfurado pelo carrasco que cumpre ordens. Por que não posso tê-lo como sempre foi? Meu filho, como tantos outros que brincam lá fora. Rebento que nasceu de minhas dores. Em mim aconteceu a maternidade. A insuspeitada. As dores do parto.

Filho - Espera.

Maria - Não há espera tranqüila. Quando penso que vou te ver crucificado. (pausa) Preso, retalhado, humilhado. Prefiro tê-lo assim, até que a morte, em comunhão com o tempo, me leve primeiro.

Filho - Espera, nossa hora ainda não chegou.

Maria - Não quero tê-lo morto em meus braços. É dor demais. Mães não deveriam velar essa morte.

Filho - Devo a você estar aqui. É meu destino.

Maria - Não quero esse destino. Não há destino. Quando seremos livres? Quando teremos um lar em paz? Quando enfim seremos o que somos? Não nego teu futuro, nem posso planejar que se viva segundo a minha vontade. Meu desejo é por um momento onde tudo esteja calmo e arrumado, quando não deveremos nada ao mundo.

Filho - Ainda é cedo.

Maria - Meu pedido não é difícil, que afinal os dias passem e que possamos então, ser o que somos, eu, tua mãe, e você, meu filho! Cumpri com meu papel, acreditei no justo.

Filho - E assim há de ser. Somos um no Único. Mas antes é preciso renovar o que está aí, proclamar a urgência do novo para que o nosso lamento seja respeitado. E nossa dor faça sentido.

Maria - Sinto como se fosse agora o dia de seu nascimento.

5ª CENA

Poder, Servo, Astrólogo e General.

Poder - Cacem esta criança. Não a quero viva.

Servo - Como saber quem é esse que se tornará o rei que dizem libertará o povo? Não sabemos como achá-lo.

Poder -*(para Astrólogo)* Como você pode dizer que em breve nascerá aquele que será rei. Eu sou o rei. Eu ordeno o mundo e as coisas do mundo.

Astrólogo - Pesquisando o céu descobri. Uma estrela aponta o caminho e tal rei já é nascido.

Poder - Nasceu? Ele já nasceu. Habita entre nós e irá atrapa-lhar os negócios.

Astrólogo - Sim.

Poder - Onde está esse que você acredita ameaçará meu poder.

Astrólogo - Ele nasceu e é tudo. Sei também que por esses dias deverá completar dois anos de vida.

Poder - Você fala como se realmente ele fosse um rei, e eu te pergunto: herdeiro de que coroa? Ora, basta. Você é um sonhador. Um falso profeta.

Astrólogo - Os sinais do céu não enganam, cedo ou tarde, dominará. Vivo ou morto conquistará espaço e suas palavras e ações serão de grande importância.

Poder - Então será fácil acabar com essa profecia. (*para Servo*) Chame o general do exército. (*entra General*). (*pausa*) Ordene que mate todas as crianças com menos de dois anos de vida. Não deverá sobrar nada. Qualquer ameaça não será bem vinda. Quero todos mortos.

General - Sim senhor.

Poder - Podem sair. (*pausa*) O que estão esperando. (*pausa*) Trabalhei duro para civilizar essa gente e agora eles querem um libertador? Nada disso. Levei anos para convencer e pertencer à casta dominante. Fora com idéias revolucionárias. Arranquem as cabeças para que não pensem mais. Não estão aqui para pensar. Eu e somente eu posso ordenar o mundo. Cabeças fora.

6ª CENA

Maria, Anjo e Filho.

Maria - Você terá que ir embora, eu sei, cedo ou tarde, mas saiba que nunca vou deixá-lo.

Filho - Seguirei o caminho do Único.

Maria - Dor em minha carne.

7ª CENA

Multidão, Filho e Amigo.

Multidão. - É chegada a hora!

Multidão. - Liberdade.

Multidão - Abram os portões. Estourem as amarras. Que senhor nos julgará?

Filho - Ouçam e vejam.

Multidão - Precisamos oferecer prendas ao senhor nosso deus.

Filho - Observei no deserto o movimento da serpente.

Multidão - Santificar sua vontade. Recuperar sua graça. Somos o povo bendito, cordeiro para nosso deus.

Filho - Ouça quem puder ouvir, veja quem puder ver, o dia da liberdade se aproxima... A boa notícia está aqui, o tempo está completo, o reinado do amor está próximo.

Amigo - Há um mestre entre nós? Quem fala é aquele que nos libertará da escravidão? Vida eterna. Quem fala é quem trará de volta nossa humanidade?

Filho - Quem fala é aquele a quem o inominável trata por filho. Assim como você sou filho da humanidade. Venha comigo e ergueremos em alicerce de pedra a liberdade.

Amigo - Do que está falando? Liberdade? Eu quero muito. Mas como será possível?

Filho - Não se preocupe com isso, tenha fé homem, acredite de uma só vez, e sem medo, ter medo não é bom. Precisamos de cautela e sabedoria, não podemos temer.

Amigo - Eu quero a liberdade, quero de volta a liberdade dos que atravessaram o deserto e que sobreviveram. Estamos prontos para receber o reino que na terra é prometido.

Filho - Aprender a dominar os demônios que habitam, com suas gentilezas à solidão dos homens.

Amigo - O deserto está aqui, ao nosso lado, posso tocá-lo. Posso perceber seus demônios nos rodeando. Acontece que eu preciso pescar. Responda-me uma coisa: o que farei com minha rede? Como alimentar minha gente, ganhar o meu sustento.

Filho - Assim como tua rede busca os peixes do mar, pescaremos homens e juntos todos os homens poderão mais que uma simples rede.

Amigo - Como viveremos? Como alimentar nossos filhos? Nossas mulheres, nossos amigos?

Filho - O único está em toda a parte. Ele está em cada folha que cai, em cada fio de cabelo que se perde. Ele nos alimentará. A você, a mim, e a todos nós.

Amigo - Por que devo acreditar?

Filho - Olhe ao redor e saberá. Afinal, de que adiantam riquezas? Para que servem os remédios, senão para remediar a dor. Uma coisa eu lhe digo, eu conheço a cura para o medo, e ela é a vida eterna, diante disso, o que temos a perder.

Amigo - De onde você vem?

Filho - Não importa de onde eu venho. Importa para onde vou.

8ª CENA

Maria e Anjo.

Maria - O sagrado momento do meu amor. Assim germinou em mim a carne do cordeiro. Um soldado do céu me anunciou a libertação. Um anjo imperial. (pausa) Eu estava no jardim e ele apareceu. Olhou para mim com ternura e ao mesmo tempo com tanta força que não reagi.

Anjo - Como Te chamas?

Maria - Maria.

Anjo - Quanta graça você tem.

Maria -.

Anjo - É a mais pura das mulheres.

Maria -.

Anjo - De teu ventre brotará o fruto do amor.

Maria -.

Anjo - Ele será o senhor entre os senhores.

Maria -.

Anjo - Tua pureza me diz: ele nascerá redentor. Menino de grande sabedoria, sua inteligência caberá em suas palavras e com isso reinará em entre céu e o inferno, em nome de todos os que vivem a procura da liberdade.

Maria -.

Anjo - Maria, venha, pois o Único está contigo.

9ª CENA

Conversa dos poderosos.

Poder - Nossa justiça abraça os desgraçados. Porém é preciso manter os nossos interesses, mesmo que à força. As pessoas continuarão pagando os impostos determinados. Não haverá concessões.

Gerente - O povo está por demais sobrecarregado de impostos.

Poder - O senhor, estudado como é, conhece bem as regras. Sabe muito bem quanto custa manter um exército. Sabe de cada grama de sal que é necessário para alimentar a toda a polícia. Portanto não será justo que nossa guarda não receba o que lhe é de direito. Preste atenção mais uma vez. (pausa) Imagine que, de uma hora para outra, abandonemos isso tudo. Imagine que todos os benefícios conquistados, que toda essa civilização, de uma hora para a outra vá embora?

Gerente - Sem dúvida devo reconhecer os benefícios que sua autoridade nos proporciona.

Poder - Então, qual é mesmo o motivo de sua visita?

Gerente - Há várias revoltas no seio do povo.

Poder - E então...

Gerente - Essas revoltas estão se avolumando e como o senhor mesmo foi capaz de ver, vozes andam clamando no deserto. Temo que essas vozes ganhem corpo.

Poder - Ora, cabe a você gerenciar essa gente. A crença do povo. E o que os deuses não forem capazes de fazer, eu mesmo faço.

Gerente - Esses selvagens que pregam no deserto podem ser capazes de seduzir inúmeros membros da comunidade. Podem até iludir com suas mensagens. O senhor sabe, um povo descontente, muitos impostos, isso gera tormentos, proporciona o surgimento de novas vozes, novos reclamos.

Poder - O senhor me parece preocupado por nada. Os impostos continuam sendo pagos, recolhemos de cada um o que é devido segundo sua função.

Gerente - Mas além do ônus, ainda assim existem os dízimos, as oferendas, os sacrifícios.

Poder - Bem sei, bem sei, bem sei... E já mandei você calar a voz dos que clamam no deserto, que atrapalham os negócios, portanto passo a acreditar que não há mais problemas. Cabeças já me foram servidas.

Gerente - Assim seja.

Poder - Assim é. Mais alguma coisa?

Gerente - Não. Preciso ir.

Poder - Fique à vontade para proibir qualquer manifestação de desagrado. O senhor sabe muito bem que não pretendemos nos meter em negócios que não nos dizem respeito. Queremos apenas, e apenas que o povo pague pelos benefícios que proporcionamos. Água, para os que vivem no deserto, comida, para os que precisam comer.

Gerente - Sim.

Poder -O reino desta terra é meu. Claro que transformar pedras em pão não será possível. Nem ao menos reinar onde não há reino. Mas que fique o senhor sabendo, nossa intenção é das melhores.

Gerente - Sim. E farei o que estiver ao meu alcance para que todos do povo também saibam que suas intenções são as melhores.

Poder - Muito bem.

Gerente - Minha disposição em colaborar o senhor já conhece.

Poder - Quanta alegria saber de tamanha disposição.

10ª CENA

Maria e Anjo.

Maria - Estou preocupada, faz tempo que não vejo meu filho. Não sei onde ele está. Os homens tramam seu futuro, não querem ser incomodados.

Anjo - Você precisa se acalmar.

Maria - Onde está meu filho?

11ª CENA

Maria e Anjo.

Menina - Venha Maria brincar com a gente.

Menino - Vamos brincar.

Maria - Do que?

Menina - O jogo da amarelinha, céu e inferno.

Menina - Quer ser a primeira?

Maria - Posso?

Menino - Mostre sua habilidade.

Menino - Você sempre ganha o céu.

Menina - Lá vai a pedra.

Todos - Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, céu.

Menina - Agora volta.

Maria - Voltar do céu? Não.

Menino - Volta.

Menina - Você não pode ficar ai no céu o tempo todo.

12ª CENA

Gerente e Subgerente.

Subgerente - Os recursos estão diminuindo.

Gerente - Em cada esquina nasce um libertador. Em cada esquina alguém se diz messias, salvador. Em cada esquina alguém profetiza uma solução.

Subgerente - Impossível negociar sem dinheiro.

Gerente - Temos que continuar blefando. Repetir a mentira quantas vezes for necessário.

Subgerente - O poder está em nossa fala. Que tal criar uma nova fé?

Gerente - Não me fale em fé. Não temos como degenerar a fé mais do que já está degenerada.

Subgerente - Essa miséria. Gente miserável.

Gerente - Sonegam impostos. Sonegam informações. Tumultuam.

Subgerente - Gente sem cultura. E o poder nos massacrando.

Gerente - Vamos continuar com nossas mentiras até a morte.
Nada mais digno do que isso.

Subgerente - Esse 'tal'?

Gerente - O que tem?

Subgerente - O 'tal' libertador.

Gerente - Libertador?

Subgerente - O povo anda falando nele. Um rei.

Gerente - Um rei saído da gentalha. Você deve estar brincando. A mentira deles anda maior do que a nossa.

Subgerente - Eu vi o 'tal' pessoalmente. Ele impressiona.

Gerente - O poder é mais.

Subgerente - Vou continuar pregando nossas mentiras por ai.

Gerente - Faça isso. Quem sabe um milagre não acontece e nós seremos os donos do mundo.

Subgerente - Certamente. Nossa parte uma hora ou outra há de aparecer. Estamos afinados com o poder, não estamos?

13ª CENA

Filho, Anjo, Maria, Meninos, Meninas, Amigos.

Menina - Céu ou inferno?

Menino - Céu.

Menina - Inferno.

Amigo - As crianças brincando.

Filho - Alegria.

Menina - (*para Filho*) Céu?

Filho - Posso brincar?

Menino - Você é criança?

Filho - Sempre serei uma criança.

Amigo - Temos mais o que fazer.

Filho - Existe aqui uma verdade, a maior delas.

Amigo - E o que pode ter de verdade nisso.

Filho - A alegria. Olhe para a alegria e acredite, quem não puder ser alegre, não saberá o que é felicidade.

Menino - Vamos brincar.

14ª CENA

Filho. Amigo. Gangue.

Gangue - Olha só quem está ali brincando. É o próprio filho do Único. O filho de Maria. O que é isso? Passa o tempo brincando. É assim que pensa construir um reino? Que gracinha esta brincadeira, vejam quanta pureza...

Amigo - Quem ousa falar assim?

Gangue - Arrumou defensores.

Filho - Vamos embora.

Gangue - Fazemos questão de nos apresentar, nos chamam de Legião.

Amigo - Daremos conta deles.

Gangue - Não, não darão não, somos muitos, uma legião que sofre há séculos, pergunte a ele que sabe do que estamos falando.

Amigo - Não precisamos saber, queremos que parem com essa provocação.

Gangue- Você quer que a gente pare, e quem pensa que é, Jesus Cristo!

Filho - O que desejam?

Gangue - Nós é que perguntamos, o que é que você deseja? Nós queremos continuar nosso trabalho de ódio. Escravizar sem sermos incomodados. Ou você vai querer incomodar nossos afazeres. Olhe ao seu redor, tudo está perdido, como nós, tudo é um inferno.

Filho - Vim semear a verdade, e aquele que descobre a verdade é livre.

Gangue - Besteiras, verdade é dor, verdade é ódio, verdade é oprimir, verdade é o exército que anda nas ruas assaltando pessoas, dominando tudo, seqüestrando tudo, violência é verdade, trevas são verdades.

Filho - Verdade é luz. Ilusão é mentira.

Gangue - Não queremos a luz.

15ª CENA

Gerente e Subgerente.

Gerente - Trabalhar sem descanso?

Subgerente - É o que dizem.

Gerente - Mas isso é pecado. Preciso de descanso.

Subgerente - Dizem que ele trabalha o tempo todo e tudo é motivo de trabalho e o pior.

Gerente - O que pode ser pior?

Subgerente - Fazer disso uma verdade.

Gerente - Nós decidimos o que é a verdade. E a verdade que decidimos é que precisamos de uma folga semanal. Até o criador teve a sua.

Subgerente - Precisamos usar de mais energia com esse tal.

Gerente. - Ele anda incomodando. De onde **vem?**

Subgerente - De algum lugar e de lugar nenhum. Pelo menos é o que dizem. E dizem também que prega a liberdade.

Gerente - Vamos convidá-lo, quero ouvir o que tem a dizer sobre a liberdade, trabalhar o tempo todo. O tédio e o ócio. Afinal, quem está contando a maior mentira?

16ª CENA

Maria e Anjo.

Maria - Meu menino, onde está?

Anjo - Saiu para dizer da boa nova.

Maria - Boa nova.

Anjo - O amor.

Maria - Não entendo? Como estabelecer a boa nova? Somos dominados. O poder nos abate. Nossa fé sofre com os desmandos. Onde está o amor?

Anjo - Amor é sacrifício. É como a semente jogada pelo semeador.

17ª CENA

Filho e Amigo.

Filho - E o que semeia saiu a semear. O campo estava pronto. No entanto, algumas sementes caíram pelo caminho e aves famintas as comeram. Outras foram cair no meio das pedras e logo as sementes brotaram. Mas a terra era pouca. Veio o sol e secou a planta, suas raízes não eram profundas. Outras caíram no meio de espinhos, germinou, é claro, mas os espinhos eram tantos, que logo morreu sufocada perfurada pelos espinhos que também crescem se não forem podados. Outra parte das sementes, finalmente caiu em terra boa, livre de temores, e cresceram e deram frutos que geram outras sementes, que geram outros frutos. Assim é com a palavra. Palavra é semente em busca de solo fértil.

Amigo - O que está dizendo? Como é que palavras podem se tornar sementes?

Filho - O que você me pergunta é muito simples. Sementes são como palavras, são as palavras que são ditas... O lugar onde elas são plantadas é o coração dos homens. E o coração dos homens é como terra fértil da verdade. Quantas vezes dizemos amor e o outro responde ódio, quantas vezes

dizemos paz e o outro responde com a guerra. Mas quando sabemos onde plantar, nossa palavra cresce, ganha corpo, gera frutos e podemos colher novas sementes.

18ª CENA

Maria e Anjo.

Maria - Eu sei da semente.

Anjo - A boa terra.

Maria - O que é feito de mim, uma mulher ou uma lenda? Por quais caminhos devo prosseguir? Nós estamos falando do meu filho. Estamos falando das minhas lembranças. E quase não consigo suportar o peso que elas tem.

Anjo - O medo escraviza as pessoas para que elas não pensem, para que elas se ocupem apenas com o trabalho do dia e o sono da noite. E assim, cada um cuida para enriquecer os senhores que se intitulam donos da terra. Fazem de tudo para deixar claro quem é que manda.

Maria - A luta de meu filho fará dele um morto.

Anjo - O milagre da vida é eterno.

19ª CENA

Leprosos e Filho.

Leprosos - Ouvimos falar de você e de suas verdades. Realiza em nós tua cura, pois tudo o que conseguimos é viver como condenados.

Leprosos - Olhe-nos com amizade, tenha compaixão de nossos corpos aprisionados na dor que decepa em cada membro perdido os movimentos da alegria.

Leprosos - A peste que nos invade nega a vida e só conseguimos a indiferença dos que temem nosso contato. Somos humanos e vivemos como animais que se escondem pelas tocas na areia.

Leprosos - Nós que já fomos felizes. E agora somos sujos e impuros aos olhos dos outros. Sua amizade pode nos curar.

Filho - Eu serei seu amigo.

Leprosos - Sua amizade será nossa cura.

Filho - Espera no silêncio o momento de agradecer.

Leprosos - Obrigado.

20ª CENA

Filho e Paralíticos.

Paralítico - Minha desgraça só não é mais completa porque me sobrou a fala. Algo em mim paralisa a vontade, algo em mim esquece o que um dia foi andar e estou preso nessa cama onde sou só lamento, lamento e lamento...

Paralítico - Aquele que fala em nome do amor, nos conceda a possibilidade de andar. Somos livres e não conhecemos a liberdade. Estamos paralisados diante da brisa, como árvores que apenas balançam seus galhos ao vento. Não podemos caminhar, dependemos e sempre dependemos de alguém que nos leve, de alguém que nos ajude, amigo, nos ajude...

Paralítico - À noite, quando podemos sonhar, vemos o caminho das feras, trilhamos o curso dos rios, nos movemos como água que percorre montanhas traçando seu próprio caminho. Percebemos o movimento do mar, sentimos no rosto o golpe alegre do vento nos convidando para sair. Quando em sonho, percebemos a tempestade, e sentimos sua presença, ela vem e nos alcança e precisamos que outros nos levem, que outros nos salvem, que outros nos carreguem. Nos carregue junto a ti, para que possamos testemunhar o amor amigo,

nos leve em seus braços, nos coloque em pé, para que possamos escolher. Nos liberte para que possamos encontrar outros caminhos.

Paralítico - Olhe em nossos olhos, ouça nosso pedido, toque-nos com tua esperança. Mostre a esperança.

Filho - Minha esperança será tua esperança. Minhas pernas serão tuas pernas. A alegria da brisa será em você como é em mim. No tempo em que o reinado significar a vida, nada mais ficará para depois. Juntos construiremos um caminho e andaremos por ele. Poderemos apreciar a beleza de todas as flores. Entraremos pelos campos. Juntos. Levanta e anda comigo.

21ª CENA

Filho e Cegos.

Cego - Ouço a voz de um amigo.

Cego - Ouço a voz

Cego - A voz.

Cego - A voz que ilumina.

Cego - Que aquece a alma.

Cego - Somos apenas almas.

Cego - Vibrando em sons, tateando formas, buscando nas pontas dos dedos o calor da luz...

Cego - Ouvimos o barulho da chuva, sentimos na pele o sopro do vento, na pele o calor do sol, na pele o sopro da voz.

Cego - Lave nossos olhos com tua saliva. Abra nosso olhar.

Cego - Conceda a visão das formas.

Cego - Conceda a visão da lama.

Cego - Conceda.

Cego - Nossos pés podem tocar o chão.

Cego - Sentimos o barro.

Cego - Ilumine a escuridão.

Cego - Clareia.

Filho - O que há para ser visto?

Cego - Sombras.

Cego - Sombras que vagam.

Cego - Movimentos sombrios.

Cego - Sonhos.

Filho - O que buscam.

Cego - O que dizem serem as cores.

Cego - Ouvimos falar da beleza que habita o mundo.

22ª CENA

Filho.

Filho - Caminhar pelo vale morte é fazer do caminho um lamento. Mas felizes são aqueles que olham para a vida e percebem sua simplicidade. Existe uma herança digna nas muitas moradas em um reino onde pessoas simples habitam. Feliz quem faz de sua fome mais um motivo para plantar a vida. Assim é que se saciam as fomes do mundo, assim é que se alimentam os sábios. Os que agora tem motivos para chorar, amanhã descobrirão que o choro faz parte da alegria. Não existem apenas sofrimentos. A vida deve ser plena. O amor é vivência. É feito de um dia após outro, e outro ainda. E que mesmo por um momento é possível celebrar o dia que virá. Quando os homens odeiam, quando os homens expulsam, repelem e maltratam esquecem que o tempo continua de igual forma para todos. Aqueles que hoje falam mal de mim, já falavam assim de outros que vieram antes de mim. O melhor é compreender que amar é grande, e deve ser tão grande que toque até aquele que nos tem como inimigo. Fazendo o bem aos que nos odeiam, abençoando o mal. O que você deseja que o outro faça por você, faça também por ele. Amar quem nos dá amor é bom, amar quem nos odeia é melhor. O amor bem cuidado nos protege do inimigo. Quando se ama quem

nos odeia, o perdão é fácil e sereno. Porque, o amor bem amado, facilita conhecer os motivos do outro, os desejos do outro. E quando se tem o conhecimento do outro tendo como espelho a nós mesmos, o amor acontecerá. Aquele que dentro de si mesmo carregar a misericórdia, tem a misericórdia. Aquele que dentro de si não julga, não tem julgamento. Aquele que dentro de si não condena, não tem condenação. Aquele que dentro de si perdoa, já possui o perdão. Aquele que pode dar é porque já recebe. A medida de amor que o coração usa para medir o outro, é a mesma medida que será utilizada pelo coração do outro para medir você. Um cego não guia outro cego. Somos como o sal da terra, se o sal perde o sabor de nada mais serve. Somos a luz do mundo, e não há porque esconder o nosso brilho.

23ª CENA

Maria e Anjo.

Maria - O milagre em mim duplicou a ternura no caminho da humanidade. Sugou de meu seio o alimento da misericórdia. O amor em forma de menino que bambeia as pernas inseguras e anda. O alimento que de mim verte fortalece a esperança. De pé, anda. Vem. Quer colo? Muito bem. Menino bom. Vem se nutrir e ficar um homem forte. Trabalhador. Ajudar o pai no trabalho. Ganhar a vida com dignidade. Ser bom e justo. Aprender as letras que eu não aprendi. Conhecer o mundo que não conheço. Andar por ai com a verdade que eu e seu pai vamos lhe ensinar. Anda, menino, anda. Vem com a mãe. Vamos até o jardim apanhar umas flores para enfeitar a mesa. Seu pai vem vindo para o jantar. Anda. Vamos.

Anjo - Maria.

Maria - Você já conhece o meu menino.

Anjo - Sim.

Maria - Parecido com o pai.

Anjo - Os olhos lembram a mãe.

Maria - Tem a firmeza do pai.

Anjo - Maria.

Maria - Sim.

Anjo - Está na hora.

Maria - Só mais um pouco. Vou esperar que durma.

Anjo - Precisamos ir.

Maria - Durma, meu menino, durma. Mamãe vai sair, mas volta logo.

Saem. Anjo volta.

24^A CENA

Anjo.

Anjo - Escolhi a brisa mais amena. Uma tarde de fim de primavera. Ela transpira e o suor tem cheiro de flor quando está pronta para gerar bons frutos. Toquei sua mão com suavidade e desde aquele dia estou ao seu lado. Ainda que distante, estive próximo o suficiente. Por todas as escolhas que o destino propôs, por todas as decisões que a liberdade sustenta, um feixe de luz emanei. Soprei esperança, ventilei amor, salpiquei flores nos mais obscuros caminhos. Agora vou procurar outras agonias, outros destinos para velar. Afinal, essa é minha vocação. Maria sonha o gozo do eterno.

Fim.



VERTIGEM

VERTIGEM

Uma sinopse.

‘Vertigem’ é fruto de minha habitação em outras instancias que não os paradigmas ou modelos de um sistema aristotélico de catarse.

A singularidade foi minha norteadora e foi preciso aprender técnicas aristotélicas para depois dispensá-las.

Vertigem tem exatos 24 minutos.

Os diálogos estão entrecortados com distintas velocidades e desprovidos de julgamentos.

É um jogo onde o suicídio por amor ou a falta dele é o tema. Texto é inspirado na vida da fotografa Francesca Woodman que cometeu suicídio aos vinte e poucos anos por conta de uma relação afetiva com seu professor que por sua vez recusa esse amor.

Não há moral da história. Não há redenção. O que há é uma trajetória vertiginosa rumo ao fim, destino de todos nós.

ATO ÚNICO

ATO ÚNICO

Partir.

Viver longe dos teus olhos.

Teus olhos.

Partir.

Teus olhos partiram.

Olho o céu noturno e as nuvens brancas refletem a luz da vida na cidade. As nuvens passam alheias. Você passou alheio e eu precisava te contar que

E passou entrevado e soturno dizendo que o fim

Não quero saber do fim

Não aceito o fim

Tomou seu gole, comeu mais um pedaço de pão, o último

gole e partiu e fui beber sua saliva a última vez que tomei sua saliva e beijei tua boca marcada na taça do último gole sentindo teu cheiro, teu último cheiro espalhado pela copa o cheiro de teu suor, o cheiro de teu sangue escorrendo tua passiva raiva do mundo raiva de mim você não quer entender do meu amor você não quer viver o meu amor seu último gole, cheirei tua roupa que ia para a lavanderia e teu suor.

Nada importa a não ser sentir o teu cheiro. Ainda uma vez o cheiro do teu suor. Teu sangue marcado na toalha na cozinha. O jantar estava maravilhoso. A carne batida sem um fio da própria gordura da carne e teu sangue escorrendo pelo talho que abriu em seu dedo o sangue se esvaindo no ralo da pia e bebi teu sangue e enxuguei teu sangue na toalha branca e bebi teu sangue teus olhos tua boca tua respiração

Não importa.

Olhar teus olhos.

Olhar teus olhos.

Teu olhar de piedoso adeus. Em minha memória como o sangue ainda na toalha da pia no ralo na minha língua no gosto da minha língua e teu olhar piedoso cortando a carne e martelando a carne e explicando a partida não vai dar certo nós não podemos dar certo você não pode dar certo comigo você dar certo comigo como assim não vai dar certo eu quero que dê certo e nós vamos juntos amanhã na exposição de fotos das minhas fotos das minhas fotos eu e você vamos não vamos vamos não vamos vamos não vamos.

Não importa.

Teu piedoso olhar.

Teu sangue na toalha.

Teu suor e o gosto da sua saliva e fritando a carne mal passada e o sangue dessa carne mal passada e mal passada

Nos divertimos.
Você me amou?
Nos divertimos.

Ou só foi piedade a piedade de teu olhar teu olhar piedoso
que não consigo encarar mais e cheiro da carne frita mal passada o
tinto do vinho um brinde amor, um brinde à partida do amor.

Partida.
Amor.

Manchou a toalha.
Não importa.
Sem motivos?
Sem nenhum motivo.
Somos assim, fomos assim, sem motivos.
Eu não consigo sentir ódio.

O ódio não me pertence.

Não sou ódio.

É outra dor.

Outra dor.

Lá embaixo a noite é silêncio não fosse o vento frio.
Pessoas são minúsculas quando são observadas daqui.
Pessoas não são nada quando vistas daqui.
Pessoas são nada diluídas entre os prédios altos, o negro as-
falto sendo lavado pela fina garoa.

Pessoas são nada vistas daqui. Um quase nada. Amalgama-
das pela paisagem noturna em sobretudos negros em silêncio em
pensamentos aturdidos planejando o fim das coisas. O fim.

Das coisas.

Das pessoas.

O fim.

Chega.

Vou por outro lado.

Sou um nada e como nada vago.

Vaga multidão.

Vago.

Vem vento e sopra odores. O cheiro do outro: só um. Vago e nada completa. Vago. Em espera vigio tua chegada. Foi uma noite. Eu sei que ontem você não quis dizer aquilo. Você não pode acreditar nessa história do tempo. O tempo é uma ilusão e você já deveria saber disso. Afinal como você mesmo disse ontem á noite você já viveu mais que eu. E eu não me importo. Você se importou. Mania que você tem de achar que eu vou procurar outra coisa quando você estiver velho, velho, bem velho e eu ainda uma menina. Serei sempre menina pra você.

Olha.

Olha pra mim.

Olha.

Fixação. Nitrato de prata.

Olha.

Fotografei sua trajetória.

Preto.

Branco.

Cinza.

Não. Não sou vulgar. Não. Não tenho preconceitos. Não, claro que não. Claro que você pode me tocar. Você não está velho. Isso. Estar velho. Isso não existe. Ninguém está velho.

Quando vejo beijo acaricio aperto.

Aperto.

Entrar.

Minha pele.

Minha roupa.

Minha alma se abre e você penetra. Entra.

Entre.

Entre nós dois.

Substância.

Não sou intensa. Isso é para insanos. Intensa é a rotina acordar, dormir, acordar, dormir, intensa rotina acordar, dormir, acordar, dormir, tempo, sol, lua, chuva, sol, lua, ciclos chuvasollua.

Estrelas. O tempo é luz. Ver a luz.

Quer um café?

Um salgado?

Não quer salgado?

Não.

Chocolate.

Eu gostei da exposição. O museu. As paredes e as luzes. Meu inconsciente. A luz.

Ontem cortei meu dedo fatiando pão. Pão com sangue. Meu sangue pingou no miolo branco. Pingou mais. Mais. Cortei. Fui es-

tupida. Cortei meu dedo olhando um quadro de Van Gogh. Um casal que descansa numa carroça de feno. Você conhece. Lembra. O museu do Van Gogh.

O pão branco e vermelho. Meu sangue. Quer um pedaço. Guardei um pedaço para você.

Não Quer?

Eu não tenho medo de você e não vou sofrer se você ficar e nós dois. Volta aqui.

Volta.

Fotografei na sua ausência. Fotografei sua ausência. Fotografei apartamento vazio. Fotografei noite e dia. Fotografei a dor insuportável que sinto. Fico fotografando minha morte. E morro devagar e devagar aciono o tempo de disparo e disparo contra mim o tempo do disparo e disparo contra mim, contra você, contra o tempo e disparo contra e disparo.

Agora não tenho nome. Você é meu nome. Estou impregnada de você e preciso falar sobre isso. Onde? Você. Onde?

Estou ausente de mim.

A morte é minha rotina.

Nada.

O horizonte é para os que contemplam. Sou vertical feito vertigem vento ventando tanto que me falta o ar.

Ar.

Aaa.

Amado. Amado?

As substancias que me habitam consomem minha vontade de viver. Não-vivo. Não-existir. Corroer o que está dilacerado. Minha sombra derretida escorrendo em voo livre. Despenco.

Ainda ontem ele me olhou com ternura. Uma ternura sádica de quem vai se aproveitar uma vez mais, uma última vez mais, uma tentativa de esquecer e uma última vez mais. Uma última. Só mais uma vez mais

Minha substancia penetrada.

A fria pedra que me penetra me olha nos olhos. Fundo nos olhos. Quer ocupar minha alma. Sugar minha substancia. Movimento. Movimento.

Ar.

Rarefeito ar.

Minha substancia feminina. Orgia dos hormônios. Acumulados. Forjados no calor da negação. Não posso ser feliz. Não posso ser feliz. Não posso ser feliz. Não posso habitar você. Você não pode me habitar. Você é pedra fria. Talhada fria em um conjunto de negativas. Você me diz não. Não. Não.

Não quero que a vida pulse. Não mais. Não além daqui. Apenas em um último salto. Um último voo sem volta.

Pousar no chão frio de pedra cal e cimento areia e asfalto manchado com minha substancia ainda quente escorrendo entre meus ossos esmigalhados e fincados no espaço sólido.

Deixar o tormento.

Ultima gota. Minha substancia esfacelada. Triturada.

Triturada.

Ultimo respiro.

Ultimo folego.

Ar.

Amado? Você não está mais em mim. NÃOEXISTO.

Membro amputado. Sentir o membro amputado.

Minha visão se turva. Músculos trabalham. Suor. Café da manhã.

Você está produzindo?

Sim, e você?

Sim.

O trabalho que nos ocupa.

Minha sensação.

A sensação que eu sinto. Como poder olhar através. Poder olhar através dos seus. Olhar. Você pode me olhar se quiser. Me olhar. Pode olhar. Olhar. Você quer me olhar agora.

O trabalho que nos ocupa.

NÃOSENSAÇÃO.

Você em mim. Venta brisa. Venta janela aberta. Venta. Janelaventa.

Janelaventabrisa. Luz.luz.luz.noturna vaga luz.

Sonhei nós dois. Não durmo. Sonhei imagem. Sonhei miragem.

Miragem nós dois. Miragem. Não durmo desde muito não durmo. Miragem. Meu espelho é miragem. Meu reflexo miragem só. Não existo mais. Imagem espelha você. Não sou. Não sou nada. Você habita o que fui. Você habita em mim e não espaço para outra coisa

Venta.

Brisajanelaaberta.

Venta.

Ele abre a janela. E salta. Ele salta.

E ele salta. E ele salta. Abre a janela e pula. Sou sugada.

Venta.

Substância.

Mistura. Janela aberta. Atrás de mim a sala de jantar com as mesas e as cadeiras, um prato, um garfo, uma garrafa de vinho, um copo. O vento balança meu vestido entre minhas pernas que estão sobre o batente. Sinos de vento. Vento-brisa. Paredes brancas com seus quadros. Paredes brancas. O vento. Minhas pernas, meus joelhos, venta. Na minha frente a lua está clara escondida por algumas nuvens lentas que navegam na mesma brisa. A cidade de luzes-estrelas brilha. Noite brilha lua brilha. Vento. Sereno.

Sangro os pulsos.

Corte lento.

Minha substância se misturando.

Décimo oitavo andar.

Janela aberta.

Fotografias espalhadas.

Contemplo.

Meus pés emoldurados se distraem.

Mergulho.

Não há mais nada.

mcd!

HUMMA

NAS DRA

CÁTI

CAS